



WHITEHEAD: PERCEPÇÃO, NATUREZA E TEOLOGIA DO PROCESSO

WHITEHEAD: PERCEPTION, NATURE, AND THEOLOGY OF THE PROCESS

René Dentz*

Resumen: Whitehead, em seu livro clássico "Processo e Realidade", descreve a percepção sensorial como um processo composto por duas fases distintas: "percepção no modo da eficácia causal" e "percepção no modo da imediatez apresentacional". Segundo Whitehead, a fase final da percepção, chamada de "percepção no modo da imediatez apresentacional", é mais facilmente observável, especialmente na percepção visual, do que a fase inicial, denominada "percepção no modo da eficácia causal".

Palabras clave: Natureza. Percepção. Realismo. Pensamento. Mundo.

Abstract: Whitehead, in his classic book "Process and Reality", describes sensory perception as a process composed of two distinct phases: "perception in the mode of causal efficacy" and "perception in the mode of presentational immediacy". According to Whitehead, the final phase of perception, called "perception in the mode of presentational immediacy", is more easily observable, especially in visual perception, than the initial phase, called "perception in the mode of causal efficacy".

Keywords: Nature. Perception. Realism. Thought. World.

* Professor da PUC-Minas; Doutor em Teologia FAJE; Bacharel e Licenciado em Filosofia UFJF; Mestre em Filosofia PUCCAMP; Pós-Doutorado em Teologia UNIFR-Suíça. Psicanalista. E-mail: dentz@hotmail.com.

Introdução

De acordo com Whitehead, todo ato perceptual consiste, na verdade, em um processo que compreende duas fases essencialmente diferentes: (1) uma fase de transação principalmente causal, que alcança seu ponto máximo como (2) uma intencionalidade informacional sensorial "clara e distinta". No entanto, ele enfatiza que mesmo formas predominantemente cognitivas de intencionalidade sensorial, como a percepção visual, ocorrem em um contexto vital-afetivo, no qual o ambiente é percebido pelo organismo como uma fonte de influências causais existenciais. A intuição de Whitehead é clara nesse sentido: na fase inicial do processo perceptual, o mundo não é percebido como um percepto ou uma representação mental, mas como um mundo exterior, um ambiente que exerce influência real sobre o organismo.

1 O problema da percepção sensorial

O filósofo Alfred North Whitehead (1861-1947) propõe uma investigação dos tipos de entidades que são apresentadas ao conhecimento por meio da apreensão sensorial. Seu objetivo é investigar as diferentes modalidades de relações que essas entidades de diferentes tipos podem ter entre si. A classificação das entidades naturais serve como um prelúdio para a filosofia natural. Nesse contexto, é apresentado o "tempo" como um fato que precisa ser compreendido; há um evento que precisa ser definido.

Whitehead oferece dois elementos para nossa compreensão, que ele chama de "discernimento" e "discernível". O discernimento abrange os elementos específicos do fato geral que são discriminados com suas próprias peculiaridades

individuais. São as entidades percebidas em sua própria individualidade, bem como outras entidades que são apreendidas apenas como termos relacionais em outras definições. O fato geral completo é o discernível e abrange o discernimento. O discernimento é a natureza como um todo, conforme revelada na apreensão sensorial, e se estende além da natureza, compreendendo-a em sua totalidade, discriminada ou discernida nessa apreensão sensorial.

Uma noção similar transparece nas seguintes palavras do psicólogo Humphrey (1994):

[...] a qualidade submodal de uma sensação está diretamente ligada a essa dimensão funcional da reação sensorial [...] mesmo hoje nos seres humanos modernos, ainda há pelo menos um vestígio de associação entre a "*qualidade submodal*" e a forma pela qual o estímulo é avaliado em nível afetivo, de modo que, dentro da modalidade visual, a luz vermelha é tipicamente excitante, a luz azul, calmante [...] a modalidade de uma sensação está diretamente ligada a essa dimensão estrutural da reação sensorial correspondente - as sensações visuais, ligadas à forma particular dos sentimentos [*feelings*] retinianos, as olfativas, à forma dos sentimentos nasais [...] a maneira pela qual uma pessoa, como um todo, responde afetivamente ao estímulo provavelmente está correlacionada com a forma pela qual ela reage (ou pelo menos seus ancestrais no passado evolucionário reagiam) afetivamente à sua superfície corporal.

Também o neurologista Damásio (1996) compartilha desse ponto de vista:

[...] os sinais do exterior são *duplos*. Algo que se vê ou ouve excita o sentido da visão ou da audição como um sinal "não corporal", mas excita também um sinal "corporal" que provém da zona da "pele" onde o sinal específico entrou. [...] Quando você vê, não se limita apenas a ver: *sente que está vendo algo com os seus olhos*. [...] Suspeito que o conhecimento que os organismos adquiriram a partir do toque em um objeto, da visão de uma paisagem, da audição de uma voz ou deslocação no espaço segundo uma determinada trajetória foi sempre representado em relação ao corpo em ação. No princípio, não houve tato, visão ou movimento propriamente ditos, mas uma *sensação do corpo* ao tocar, ao ver, ao ouvir ou ao mover-se.

Esses autores têm como preocupação principal destacar a natureza fundamentalmente causal da percepção como um fenômeno corporal (ou corpamental, usando minha terminologia). No entanto, a história natural ou filogenética da percepção sensorial, embora contribua para lançar alguma luz sobre sua natureza dual causal-intencional, não é capaz de nos ajudar diretamente em nosso objetivo de descrever a conexão estrutural entre a causação natural e a intencionalidade sensorial, conforme revelada na própria experiência perceptual.

Os fatores da natureza dos quais temos apreensão sensorial são conhecidos como “não abrangendo todos os fatores” que, em conjunto, formam o complexo total de entidades relacionadas compreendidas no fato geral apresentado para o discernimento. O caráter inesgotável pode ser descrito metaforicamente afirmando que a natureza, tal como percebida, sempre tem uma borda irregular. Há uma entidade conhecida apenas quando relacionada espacialmente a alguma entidade discernida, o que chamamos de conceito puro e simples de “lugar”. O conceito de lugar marca a revelação, na apreensão sensorial, de entidades da natureza que são conhecidas apenas por suas relações espaciais com entidades discernidas.

2 Tempo, evento e natureza

O conceito de “período de tempo” marca a revelação, na apreensão sensorial, de entidades da natureza que são conhecidas apenas por meio de suas relações temporais com entidades discernidas. No entanto, a separação das ideias de tempo e espaço foi adotada apenas em nome da simplicidade de exposição, seguindo a linguagem comum. Essa separação é chamada de “evento” por

Whitehead. A estrutura dos eventos é o complexo de eventos relacionados pelas relações de extensão e crença. Um evento discernido é conhecido à medida que se relaciona.

A semente do espaço pode ser encontrada nas relações mútuas dos eventos compreendidos no fato geral imediato, que é a totalidade discernível e presente da natureza. As relações de outros eventos com essa totalidade da natureza formam a trama do tempo. O fato geral é a ocorrência total e simultânea da natureza presente para a apreensão sensorial. Essa apreensão sensorial apresenta, para um discernimento imediato, uma certa totalidade que chamamos de “duração”, que é uma entidade natural e definida. A natureza é um processo, e tudo o que podemos fazer é empregar uma linguagem que o expresse de forma especulativa, revelando a relação desse fato da natureza com outros elementos. O filósofo A. Whitehead concorda com a doutrina de Bergson, embora ele use o termo “tempo” para se referir ao fato fundamental que denomino “passagem da natureza”. Essa passagem é igualmente demonstrada pela transição espacial e temporal, e é por meio dessa passagem que a natureza está sempre em movimento.

A apreensão sensorial oferece uma única oportunidade para o conhecimento, algo exclusivamente destinado a ela. O termo da apreensão sensorial é único em dois sentidos: é único para a apreensão sensorial de uma mente individual e único para a apreensão sensorial de todas as mentes que operam sob condições naturais.

Whitehead pretende distinguir dois conceitos, aos quais ele chama de simultaneidade e instantaneidade. A simultaneidade é a propriedade de um grupo de elementos naturais que, de alguma forma, são componentes de uma duração. Isso pode ser tanto a natureza como um todo presente quanto o fato imediato

apresentado pela apreensão sensorial. Uma duração contém a passagem da natureza, contendo antecedentes e conseqüências que também são durações e podem ser totalidades presentes espaciais de consciências mais rápidas. A simultaneidade é um fator fundamental da natureza, imediatamente acessível pela apreensão sensorial.

A instantaneidade é um conceito lógico complexo de um processo de pensamento pelo qual entidades lógicas são produzidas para expressar, de forma simplificada, propriedades da natureza. É o conceito da natureza como um todo em um instante, onde um instante é concebido como desprovido de qualquer extensão temporal. Por exemplo, pensamos na distribuição da matéria no espaço em um instante. A. Whitehead usa o termo “momento” para se referir à “natureza como um todo em um instante”.

Whitehead utiliza o termo “momento” para se referir à “natureza como um todo em um instante”. O que é diretamente oferecido ao nosso conhecimento através da apreensão sensorial é a duração. As durações podem apresentar uma propriedade relacional binária de se estenderem uma sobre a outra. Portanto, a duração que representa a natureza como um todo em um determinado minuto se estende sobre a duração que é a natureza como um todo durante os trinta segundos daquele minuto. Essa relação parece se referir exclusivamente à extensão temporal. Whitehead explora a definição de um momento de tempo, considerando um conjunto extraído da mesma família. A relação entre todo e parte é assimétrica, ou seja, se A é parte de B, B não será parte de A. Essa relação é transitiva.

Existe uma série ordenada de momentos que nos referimos quando falamos sobre o tempo, definido como uma série. Cada elemento dessa série revela um estado instantâneo da natureza. Essa noção de tempo serial resulta de

um processo intelectual de abstração. No entanto, esse tempo serial não é a própria passagem da natureza em si, mas revela algumas das propriedades naturais que emergem dela. O estado da natureza “em um momento” perde a qualidade essencial da passagem.

3 Tempo e percepção

O lapso de tempo é uma quantidade serial mensurável, e toda a teoria científica depende desse pressuposto. Qualquer teoria do tempo que não seja capaz de fornecer uma série mensurável se condena, pois não é capaz de lidar com o aspecto mais proeminente da experiência temporal. Devemos determinar inicialmente se o tempo é encontrado na natureza ou se a natureza é encontrada no tempo. Estabelecer o tempo como anterior à natureza apresenta dificuldades e torna-se um enigma metafísico. A dissociação entre o tempo e os eventos revela que a tentativa de estabelecer o tempo como um termo independente do conhecimento é semelhante ao esforço de encontrar substância em uma sombra. Ou seja, o tempo existe porque existem eventos, e além dos eventos, nada mais existe. Em certo sentido, o tempo se estende para além da natureza.

Ao discutirmos a apreensão sensorial, é necessário ter cuidado com o termo “tempo”, pois ele se refere à mente, embora o tempo mensurável seja uma mera abstração da natureza, e a natureza seja fechada para a mente. A apreensão sensorial é uma relação entre a mente e a natureza. Agora estamos considerando a mente no contexto relacional da apreensão sensorial. Em relação à mente, temos a apreensão sensorial imediata e a memória. A mente não possui uma apreensão imparcial de todas essas durações naturais; sua apreensão compartilha da passagem da natureza. A mente existe no tempo e no espaço de

uma forma peculiar a si mesma. Temos a sensação de que, de alguma maneira, nossas mentes estão presentes neste lugar e neste momento. No entanto, não é exatamente da mesma maneira que os eventos naturais, que são as manifestações de nossos cérebros, possuem suas posições espaciais e temporais. A distinção fundamental reside no imediatismo da apreensão sensorial.

Whitehead chamou o “materialismo” de filosofia natural. Os materialistas eram tanto os homens da ciência quanto os seguidores de várias correntes filosóficas. Os idealistas se diferenciavam dos materialistas filosóficos apenas na questão da relação entre a natureza e a mente. Na teoria materialista, o presente instantâneo é o único campo para a atividade criativa da natureza. O passado já se foi e o futuro ainda não é. No entanto, o imediatismo da apreensão sensorial é o de um presente instantâneo, e esse presente único é resultado do passado e promessa do futuro. Nada semelhante pode ser encontrado na natureza.

Uma duração contém em si um passado e um futuro, e as amplitudes temporais das durações imediatas da apreensão sensorial são altamente indeterminadas e dependentes do indivíduo percebido. Como resultado, não existe um fator na natureza que seja preeminente e necessariamente presente para cada perceptor. A passagem da natureza não deixa nada entre o passado e o futuro.

O passado e o futuro se encontram e se mesclam no presente mal definido. A passagem da natureza é simplesmente outra manifestação da força criativa da existência, pois possui uma ampla margem de presente definido e instantâneo dentro da qual opera. Sua presença ativa, que impulsiona a natureza adiante no momento, deve ser buscada ao longo de todo o continuum, tanto no passado distante quanto na estreita amplitude de qualquer duração do presente. E quem sabe também em um futuro não realizado, um futuro que poderia ser, além do

futuro efetivo que se concretizará. É impossível refletir sobre o tempo e o mistério da passagem criativa da natureza sem sentir uma profunda emoção diante das limitações da inteligência humana.

A idéia central de Whitehead aqui é que, em certas condições de privação da plena intencionalidade sensorial - visual, principalmente -, é possível experimentar diretamente e de modo privilegiado aquilo que é o pano de fundo causal, vital-afetivo, da experiência perceptual em geral.

Pois bem, o que a formulação abstrata de Searle tenta capturar é precisamente este elemento experiencial de causação sensorial que é sempre o pano de fundo do conteúdo cognitivo ou informacional central à percepção. Só que, ao contrário do que faz Whitehead, Searle tenta descrever este ingrediente causal enquanto presente no próprio conteúdo informacional da percepção; como se a informação sensoricognitiva ou forma sensível-inteligível do percepto fosse experiencialmente inseparável de, ou impregnado por, em “halo” ou “aura” de vivacidade causal, existencial.

Este halo ou aura de vivacidade causal é o que denuncia de modo inequívoco a essencial *alteridade* do percepto - o que o diferencia de uma “ideia” ou “imagem” em geral. Por isso Searle diz que a percepção sensorial é uma “apresentação” - isto é, uma espécie do gênero representação mental, cuja diferença específica é precisamente sua alteridade, sua vivacidade causal. A intencionalidade perceptual se caracteriza, pois, pelo fato de seu conteúdo intencional ser dado como apresentação.

4 Ricœur e a *process theology*

Finalmente, é bastante interessante tentar reconstituir a segunda linha traçada por Ricœur, aquela que diz respeito à “memória de Deus”, sublinhando a forma como ela é influenciada por Whitehead e pela *Process Theology*. Com efeito, Ricœur não indica as referências precisas à mesma em *Vivo até à morte*. Em *La critique et la conviction*, entrevista publicado no mesmo ano em que fora escrito este documento de arquivo que aqui analisamos, Ricœur invoca obras que dizem respeito a essa influência, mas isto sem indicar páginas ou citações em concreto. Ora, parece-nos que a ideia de “memória de Deus” se liga aos conceitos de imortalidade objetiva (*objective immortality*) e de memória divina (*divine memory*) de Whitehead, sendo que o primeiro destes conceitos teve repercussão na obra de Hartshorne.

Com efeito, Ricœur leu as obras de Whitehead, *Le devenir de la religion*¹ e *Procès et réalité*², conhecia também um estudo sobre Whitehead feito por Alex Parmentier, *Le problème de Dieu chez Whitehead*³, bem como o livro de Harsthorne, *Man's Vision of God and the Logic of Theism*⁴. A cosmologia whiteheadiana analisa as relações orgânicas no devir do mundo, da natureza e do homem. Todos os nossos atos deixam um traço na “impressão de Deus” (Ibid.). A natureza conceitual de Deus permanece inalterada, em razão da sua concretização última, porém, a sua natureza derivada segue-se ao avanço criativo do mundo. A natureza

¹ Whitehead (1939).

² Whitehead (1995). Livro doravante referido como *PR*.

³ Parmentier (1968).

⁴ Hartshorne (1941). Livro doravante referido como *MVG*.

consequente de Deus é composta por uma multiplicidade de elementos que se realizam individualmente.

Portanto, qualquer ato humano também contribui para o devir de Deus. Assim se sustenta toda a atualização do mundo. Eles são, escreve Whitehead, “recolhidos na natureza de Deus”: “O elemento correspondente na natureza de Deus não é uma atualização temporal, mas a transmissão dessa atualização em fato vivo, sempre presente” (Ibid.). Esse tema da *imortalidade objetiva* no mundo e na natureza é, parece-nos, acolhido e modificado por Hartshorne. A “atualização temporal em fato vivo” e “sempre presente” é a mudança que “precisamente, faz diferença (*makes a difference*) para o valor da realidade, e que também faz diferença para Deus” (Hartshorne 1941, 110). Ela é desenvolvida e elaborada na dimensão do passado enquanto *memória divina* (Ibid., 129). Podemos, portanto, seguir a pista da formulação da “memória de Deus” por Ricœur através das suas leituras de Whitehead e Harsthorne.

Para concluir, gostaríamos de dizer algumas palavras sobre a importância da interpretação ricœuriana de Whitehead e da *Process Theology* para a compreensão desta corrente filosófica. É digno de nota que Ricœur assinale, desde *La critique et la conviction*⁵, uma proximidade entre a *Process Theology* e Hans Jonas. Seria preciso esperar até 2014 para que um trabalho acadêmico, levado a cabo pelo pesquisador whiteheadiano japonês Yutaka Tanaka⁶, desenvolvesse essa pista. Tanaka mostrou que Jonas leu Whitehead, algo que se torna evidente sobretudo quando Jonas, em *Le concept de Dieu après Auschwitz* (originalmente publicado em 1984)⁷ estabelece uma relação entre os erros causados pela ideia

⁵ CC, 238-239.

⁶ Tanaka (2014).

⁷ Jonas (1994).

da onipotência de Deus e a tradição judaico-cristã. Ainda que a sua reflexão sobre a teodiceia não seja, de forma alguma, inspirada pela *Process Theology*, ambas partilham algumas das suas principais características. Esta reflexão é, sobretudo, próxima do livro de Hartshorne, *Omnipotence and Other Theological Mistakes*⁸, publicado em 1984. Contudo, ela é praticamente desconhecida por entre os teólogos da *Process Theology*.

Hoje, é impossível saber se Ricœur terá ou não lido o livro *Omnipotence and Other Theological Mistakes*. Com efeito, na biblioteca do Fonds Ricœur apenas se encontra uma obra de Hartshorne, a saber, *Philosophers speak of God*⁹. Mas, seja como for, a contribuição ricœuriana para a interpretação de Whitehead e da *Process Theology* parece-nos ser uma pista bastante interessante para futuras pesquisas.

Conclusão

A natureza é um fluxo contínuo e complexo, mas nossa compreensão não consegue capturar sua totalidade. Por meio de um processo chamado abstração, conforme descrito por Whitehead, separamos os fatos em elementos distintos e os concebemos como entidades separadas por meio do pensamento. Portanto, para Whitehead, afirmar que a natureza deve ser compreendida como aquilo que é imediatamente percebido pelos sentidos não implica presumir que ela consiste em elementos singulares e distintos. Na verdade, ele argumenta que essa concepção não está limitada à imediatez da natureza, pois introduz elementos

⁸ Hartshorne (1984).

⁹ Hartshorne and Reese (1963).

estranhos ao pensamento sobre a natureza. Segundo Whitehead, esse é o grande erro que deu origem à “Doutrina da matéria” no pensamento ocidental: a filosofia inicialmente transformou indevidamente a entidade pura e simples, que é apenas uma abstração necessária para o método do pensamento, no substrato metafísico desses elementos na natureza, que são considerados entidades com seus atributos; e em seguida, os cientistas (incluindo filósofos que eram cientistas) consciente ou inconscientemente ignoraram a filosofia e adotaram esse substrato como pressuposto, considerando-o como uma base para os atributos, como se existisse no tempo e no espaço. Aqui está um exemplo da diferença que Whitehead busca estabelecer entre o pensamento heterogêneo e o pensamento homogêneo sobre a natureza. As entidades do pensamento, que incluem tanto indivíduos simples quanto suas propriedades e relações, são meros processos mentais necessários para comunicar os elementos que são inerentemente incomunicáveis pela apreensão sensível. Considerar a natureza como um conjunto de entidades, como fez a filosofia essencialista, é misturar o que é percebido pela apreensão sensível com o que é produzido pelo pensamento como um método para lidar com a realidade imediata. Através da apreensão sensível, somos apresentados a propriedades e relações como elementos do fato complexo que é a própria natureza. O pensamento organiza isso em torno de propriedades e atributos, mas isso não implica que exista um elemento simples anterior às propriedades e relações que sirva como fundamento para elas. Noções como substância, essência e matéria simples são apenas abstrações, não refletindo a realidade que se apresenta à apreensão. Vale ressaltar que também se faz referência às noções de tempo e espaço. Whitehead defende uma visão relacional, não absoluta, do tempo e espaço. Ou seja, eles não existem como entidades separadas. Na realidade, o que existe é a passagem da natureza. A

noção de tempo é uma abstração desse fato fundamental. Da mesma forma, as relações extensivas entre os elementos da natureza permitem a geração da noção de espaço individual. No entanto, o espaço também é uma abstração. O filósofo afirma que o postulado de uma entidade última é uma necessidade lógica imposta pelo pensamento, não uma correspondência aos fatos.

Referências

- DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. Londres: LEA, 1986.
- HARTSHORNE, C. **Man's vision of God and the logic of theism**. Chicago and New York: Willet, Clark & Co, 1941.
- HARTSHORNE, C. **Omnipotence and other theological mistakes**. Albany, NY: SUNY Press, 1984
- HARTSHORNE; REESE (Eds.) **Philosophers speak of God**. Chicago: University of Chicago Press, 1963.
- HUMPHREY, N. **Uma história da mente**. Rio: Campus, 1994.
- JONAS, H. **Le concept de Dieu après Auschwitz: une voix juive**. Paris: Rivages poche Petite Bibliothèque, 1994.
- PARMENTIER, A. **La philosophie de Whitehead et le problème de Dieu**. Thèse de Doctorat (Faculté des Lettres et Sciences Humaines) – Université de Paris-Nanterre, 1968.
- PEIRCE, C. S. **Collected papers**. Hartshorne, C., Weiss, P. e Burks, A. (Orgs.) Cambridge, MA: Harvard UP, 1935 e 1958. 8 vols.
- RUYER, R. **Paradoxes de la conscience**. Paris: Albin Michel, 1966.
-

SEARLE, J. R. **Intentionality**. Cambridge: CUP, 1990.

SHERBURNE, D, W. **A key to Whitehead's "process and reality"**. Chicago: Univ. of Chicago P., 1981.

STONIER, T. **Information and meaning: an evolutionary perspective**. Londres: Springer, 1997.

TANAKA, Y. Aushuvittsu igo no Shingaku, Hansu Yonasu tonu Taiwa: théologie après Auschwitz, dialogue avec Hans Jonas. **Process Thought**, v. 16, p. 9-24, 2014.

WHITEHEAD, A.-N. **Le devenir de la religion**. Paris: Aubier, 1939.

WHITEHEAD, A.-N. **Procès et réalité: essai de cosmologie**. Paris: Gallimard, 1995.